

I

A CAMINHO...

## ILHA PRIMEIRA

SOLAR DA MELANCOLIA

**E**M cruzeiro de triste fado meu, a esta claridade meridiana, Santa Maria começa a anunciar-se, toucada de brancos véus, ainda longe para os que a demandam, a fitar os olhos na crespia indecisão de terra e mar.

Depois, à distância do fundeadouro, a emergir de entre flores de espuma inquieta, vai revelando seu áspero aspecto pela riba alta, a vermelhar, como da costa de África desprendida.

Nas festivas expansões do afecto de quem vê igual a vida na sucessão dos meses, sem possível surprêsa de encon-

trar com outras gentes, a ilha, pela bôca de obsequioso filho, manda dizer que a vejam e admirem o seu recolhido e obscuro destino de sereia perdida no Oceano.

Para segurança do seu doce acolhimento, além oferece aos que já vão levados a remos pela emplumada ondulação das águas, o seu cais secular, de firme escadório, por onde algas e musgos vicejam, ao favor do pouco uso.

A subir, a colear a ribanceira, logo se depara a casta humildade da Vila do Pôrto, com mulheres de bíblica doçura, conduzindo em silêncio os cântaros, a reçumar água de vida, a todó o instante; e com a melancolia de perpétuo exílio, deixam elas alongar a vista atrás dos que passam, bem desejosas de admirar montanhas, rios e grandes cidades, sonhados paraísos de outro mundo...

Mais gente a leve passo vagueia, conformada e triste de esperar liberdade, aceitando com suave amargura, a transluzir nas falas, o gôsto e sacrifício de ser portuguesa em cativo. Em pequena terra

atlântica nascido, êste povo parece que logo deveria ficar fadado a desprender-se de vãos cuidados e mortais erros, para mais serenamente se dar ao gôzo de contemplar as maravilhas dos jardins do céu e a rumorosa amplidão do mar...

Pelos caminhos, andam ovelhas a balir, vão boizinhos de presépio com olhar sofrido, e passam jumentos novos, levando humanas cargas de todo o pêso, e em sua humildade muito irmãos daquele que conduziu a Cristo Redentor para a Paixão em Jerusalém. Animais de tal mansidão e humano sentido, que é para duvidar se são os pastores quem os guia ou êles que dirigem seus pastores, por estas floridas sendas de ferragiais tenros, a verdejar. Em perene súplica e ofertório da fé viva dêstes cristãos, no viso de um monte se ergue a capela de Nossa Senhora, em Fátima aparecida, para de novo estender o manto das graças a tôda a Terra Portuguesa. Ali se espalha nos ares celeste sorriso, alva bênção por sôbre a novidade dos declives e dos vergéis cir-

cundantes; e para alcançar os pés do altar, sobem-se os degraus oferecidos pela devoção dos povoados vizinhos, tantos passos como as ave-marias do rosário, bento rosário de penitentes ou suplicantes, a fortalecer a Esperança em que a Ilha tece o seu maior destino.

Agora, os trigais que pulsam de viço, vinhas rastejantes a fugir dos ventos salinos, courelas afeiçoadas, como canteiros, vão-se desdobrando em tímidas promessas, a ondular pelo campo, levando os olhos até às encostas e terras de fundo, para além das quais se encrespa convulsamente o abraço eterno do mar, do mar a todo o espaço. . .

E na volta dos que lhe foram espreitar a lida, a calma vila reaparece, modesta e pobre, de face limpa, a lembrar pelos claros traços da fisionomia e pelo capricho das chaminés, que um retalho de Portugal em carne viva, litorânea vilória do Algarve ou da Estremadura, para a solidão atlântica se trasladou, a oferecer berço, pão e cemitério a descendentes de

velhos Portugueses, mais inquietos e namorados da Aventura.

Do primeiro século de povoamento, a Vila do Pôrto guarda ainda o encanto de algumas lembranças de pedra — a arca-tura ogival de uma porta no antigo convento de São Francisco, a chamar-nos para a época henriquina, e, tôda envôlta em lendas, a derramar *saiüdades da terra*, a frontaria de uma casa gótico-manuelina, na rua principal, ao abandono.

E de tais vestígios taciturnos e extasiados, se desprendem fantasmas de capitães e povoadores desta primeira esmeralda açórica que ainda pôde enflorar de nova esperança, ao fim dos trabalhos da sua vida, a coroa do Rei de Boa Memória.

À evocação interrogadora, por longínquos horizontes da Crónica, os heróis do descobrimento por aqui na lembrança ressurgem, descidos das caravelas na Ponta do Marvão, tisnados, contentes de ver nova terra: *videntes quod essent insulæ, intraverunt in primam*. . . Então, os

seus gritos de alegria a acordaram do orvalhado sono de pureza em que ficara, desde as auroras do mundo.

E com as vistas da sua face e floridos campos por onde trilavam pássaros mansos e sem medo, assim levaram ao Infante a jubilosa oferenda de mais dilatado domínio real, no meio de ondas de sedução e de procela.

Por festa da Assunção, a 15 de Agôsto, de Santa Maria terá ficado a ser esta terra, trocando-se devotamente pelo da Virgem, o nome do frade-navegador Gonçalo Velho, comendador de Almourol no Tejo e mui esforçado cavaleiro da Milícia de Cristo.

Terra mal lembrada, larário de exílio onde demoram a doçura e a contemplativa resignação da alma portuguesa, ela não chegará jamais a vingar-se em esquecimento dos que à sua sorte não consagram cuidados e desvelos, aliás bem merecidos.

E à vista dos que hoje aqui passaram distraídos, sem nada de bem lhe poder

fazer, este povo deixará alongar os olhos saüdosos—soubesse êle de quê!—pela lívida melancolia do céu, onde, ao largo, sôbre a humana desilusão de mais um dia, o sol está para morrer triste, estrangulado na mortalha das neblinas.

À saüdade do crepúsculo, o corpo da Ilha vai avultando na quietação, enquanto sombras esvoaçam, a tecer-lhe a noite para nela dormir em paz.

Da varanda da riba, em vista de consolação, alevanta-se como trofeu absorto nos clarões de cinza do poente, a memória dos náufragos da guerra que aqui vieram salvar-se, matando a fome e a sede, por duzentas milhas a remos.

Agora, aos acenos do nosso adeus, agrupa-se triste gente que sempre está e sempre fica, e a quem o navio nunca trouxe nem trará mais do que a própria miragem do seu desejo.

À noite, a lua nova com rosados fulgores, espreita do alto a escuridão da Ilha, talvez a preparar-lhe nova transfiguração, para lhe repetir o engano que

olhos ansiosos em tudo vêem, como falsas promessas de melhor destino no tempo.

Assim, os pardos telhados adormecem, e tôda a terra, já esquecida até outra vez, fica na solidão a embalar-se em berço de ondas, sob o dossel das estrêlas, a sonhar, a sonhar que está vendo no céu azul a risonha e tépida aurora da esperança...

Espectro de soledade oceânica!

Desencantada Ilha de Santa Maria!

Santa Maria val!...

12 de Março de 1940.

## ILHA SEGUNDA

VALE DE ÁGUA EM FOGO

**E**SQUECIDO agora o mar pelo surpreendente enlêvo das terras, a repetir e multiplicar seduções a cada volta, seguindo pelas alturas a trilhar caminho bem assombreado e florido, desce-se em precipícios para um covão, em cujos bordos foram tufando caprichos tropicais sem calor e trechos alpestres sem neve.

Ao parecer, deveria abrir-se na planura o Cenóbio da Paz, onde cansados peregrinos pudessem encontrar refúgio para a maldade dos homens, ao longo desta negra vida.

Muito em breve o engano se verá, e mais além nos espera a ruídosa e perturbadora contradita dessa efémera ilusão.

Sobre o vale para onde vamos correndo, pairam fumos espessos e errados, como em queimadas de alqueive reinol, em cujas névoas, à sugestão de incríveis maravilhas, deveriam abrir-se ruflantes asas de quimeras e de fantasmas.

Aqui e além, surgem grutas, bôcas, fontes; multiplica-se o interêsse, mas sempre domina o imprevisto, e já não sobra atenção para observar o que se nos mostra, em sucessivos confrontos do que vamos por nós descobrindo, à luz irreal de um encantamento.

Do meio de tais prodígios, levanta-se alarmado o pensamento, a inquirir se estará ainda a nascer a Ilha ou se vai abismar-se no mistério do nada; se os seis dias do Génesis aqui não findaram ou já soou a hora de começar o julgamento do século pelo fogo...

Neste Vale das Furnas se encontra lugar predestinado para o Homem se

crer grande como Titan ou da pequenez de um verme, quando defronte da Caldeira se suspende a escutar o estrépito da máquina do mundo, com os pulmões da Terra a arquejar, a desfazer-se em fumo e lama incandescente.

Encarando a bocarra que não se fecha, insubmissa pregoeira de mistério, a insistência do seu clamor continua a vencer a admiração da alma e dos sentidos, em contumaz alternativa: *dies irae* ou aurora cósmica, estertor ou pulsação, vágido de quanto nasce ou torrencial e gemedora coreia de gigantes moribundos — terra assim nunca êstes olhos viram, em que mais vizinhos demorem o encanto e o terror, a paz e a turbação, o paraíso e o inferno, a vida e a morte.

Com estremecimentos de coração, ouve-se o antro a referver em raivoso imprecatório, a ecoar por êste cenário de idílio e de tragédia que a uns não perturba os sonhos e a outros entenebrece a claridade do pensamento, como se neste sôpro de negrume, vômito de infernal

abismo, viesse o rumor de asas de maus anjos que depois irão dispersar-se pelas tentações dos pecados do mundo...

Dessa garganta rouca, com bafordas mortais para quem ousasse nela debruçar-se, à espreita do segrêdo, nunca deixa de retumbar o clamor do fogo em água, da água em fogo, mar de vozes em paroxismo, a escarnecer das horas e do tempo, ameaça tormentosa para quem uma vez a ouviu e sempre a ouvi-la andar, porque nunca mais a poderá esquecer: tram, tram... tram, tram... tram, tram...

Tuba ingente a reboar em gritos de lava, ali mesmo nos adverte do pó que somos, por mais altos que estejam, para a escutar, os píncaros da glória ou os mar-néis da vanglória daqueles que a ouvem e contemplam: nenhum poder humano domina ou suspende o seu persistente precatório, intraduzível cântico de fôrça viva ou prolongado estertor da misteriosa Atlântida...

Estação de sombras e de águas, propícia a ermitério de monges penitentes, a

alívio de enfermos e entrevados, também nela vêm encontrar sensível e delicioso gôzo, os que no mundo boiam ao acaso dos prazeres da vida, e para os quais não há ontem para recordar, nem amanhã para esperar.

Para além do suave epicurismo ou do merecido repouso de almas molestadas de má ventura, envoltos em fina cambráia, aqui descem os beijos do Sol e aqui sobem os profundos ais da Terra, a alegria sorrindo à tristeza, a saúde a turvar a esperança, o prazer e a dor a confundir-se, à lei fatal do destino das nossas vidas.

Neste extenso labirinto, pelos retiros do Vale, abre-se a veludosa calma de tanques e lagunas, engastados em rebri-lhante lavranderia de corolas e ramos, e a reflectir, como se miragens fôssem, jardins suspensos de mágico enlêvo, cujas fragrâncias, deleitosamente, ondeiam, e ondeiam nos páramos de sonho acordado.

Êsses perfumes, erráticos e doces, derramam-se dos cálices de mil flores



que se abrem todos os dias para o orvalho do céu e para a fêrvida poalha vulcânica que um hálito sulfúreo vai dissipando em rumores de maldição.

E mais para além, sôbre o mistério do solo trémulo, a fumar por buracos nos caminhos, como brinquedos satânicos, a manar águas quentes e frias, lado a lado, por artes de invisível teurgo, lá nos assalta a terrível certeza da dúvida, a dor do Ser ou do Não-Ser...

Recomeça a sinfonia tôrva de espanto, a atrair e a afugentar, ciclopes a cantar ou a ralhar com assombroso ímpeto, ali se revela e exalta a fúria dos quatro elementos na primordial confusão do Caos: tram, tram... tram, tram... tram, tram...

Digno é de ser ouvido tão horrisono rebate das entranhas da Terra, que já apavorou e animou a audácia dos povoadores, invocando contra as fauces do inferno, a bênção propiciatória de Nossa Senhora da Consolação.

Forno crematório é este, para reduzir a cinza vãos cuidados e abater o pen-

samento mais orgulhoso, mas sempre incapaz de impor silêncio àquela incessante voz de cólera e de escárnio—tram, tram... tram, tram... tram, tram...

Vulnerante sarcasmo a humilhar a soberba dos que tudo podem e sabem, grito de condenação ou desespero que pela folhagem se dispersa em ecos dilacerados e das gentes da terra nunca ouvidos.

Súplica ou blasfêmia do Tártaro, no alarido desta sinistra caverna, a referver de negro júbilo ou a rugir de ameaça, vive convulsamente a maravilha maior destas paragens, proclamando a fama e o terror do formoso Vale das Furnas, opulentamente partilhado por ambições de Flora e de Vulcano.

Da Caldeira, do seu raivoso clamor, sempre me lembrarei com assombro e sem saúde.

Tenho agora medo de tornar a vê-la, não provoque a impertinência da curiosidade o génio mau que nela mora, capaz de subverter o chão, fazer subir o

mar aos céus e erguer até às estrêlas a sua velha língua de fogo, para abrasar e consumir o mundo.

...E até o negro influxo do signo em que vou errando, por gôsto da sua maldade, poderia impelir-me sinistramente para aquela abismal voragem, condenando-me ao horror do último castigo que ainda não mereço...

Tram, tram... tram, tram... tram, tram...

S. Miguel, Furnas, 13 de Março de 1940.

## ILHA TERCEIRA

À PROCURA DE ANGRA

**S**EMPRE tive grande desejo de conhecer a Terceira, Ilha dos Amores na versão lendária, por tudo quanto ela representa em testemunho de colonização quatrocentista, pelas lembranças das grandes rotas transatlânticas com mareantes exaustos a demandar frescuras, e por nela ver um modelo de fé e lealdade portuguesas, até quando, para afirmá-las, contra a justiça fêz êrro.

E para os que têm a esclarecê-los algumas luzes dos fastos nacionais, a cidade de Angra, antiga capital dos Açores, continuará a gozar do privilégio de metrô-

pole das melhores lembranças históricas, a terra dos vivos alarmes e das comoções patrióticas.

Quando para a Terceira aproámos, na reminiscência me entraram a esvoaçar, em confusão, fantasmas dos povoadores, dos navegadores e capitães, do famoso Jácome de Bruges, dos três Côrtes-Reais, de Diogo de Teive, de Álvaro Martins, de Paulo da Gama que aqui adormeceu no Senhor, sem ver a coroa de glória que no Reino o esperava; a mulher-forte, meio lendária, Brianda Pereira, Ciprião de Figueiredo, a servir a Pátria com lealdade e honra insigne, o Conde do Vimioso, a desfazer-se em sangue e a morrer pela sorte do Prior do Crato nestes mares; e depois os heróis-restauradores, com grande ânimo e esforço, à voz do capitão Francisco de Ornelas da Câmara e seus companheiros ilustres e obscuros, que reconquistaram para o Rei natural e legítimo, os sólidos baluartes do Castelo de São Filipe.

Assim, a história da Ilha andou sempre honrosamente enlaçada à Crónica Nacional nos seus mais decisivos lances. O meu interêsse de espírito era verdadeiro e de longe vinha para o sobressalto de despertar a esta luz nova em que vai abrir-se o cenário de tantas evocações.

Logo de manhã, lobrigada de longe, a Terceira ainda dormia molemente, envolta em macio nevoeiro que as gaivotas já andavam rasgando para, em nome do Sol, lhe darem os bons-dias.

E teimosamente, ainda me tomam o sentido os doloridos perfís de tantos desterrados por justiça ou pelo império da maldade, a galeria dos vencidos em sanguinárias contendidas, desde o desgraçado Rei D. Afonso VI, até ao régulo Gungunhana e sua côrte que encheram de alvorôço a minha meninice e que então logo teria vindo ver e admirar, se me deixassem...

Do remanso da suave angra, a cidade de Angra oferece a quem a contempla pela manhã úmida, a sua face clara e

ridente, dando no aspecto geral a surpresa de alegre sobranceira, ar lavado e confiante de quem se basta a si própria. Orgulho de quem às terras do Reino foi ensinando algumas vezes o direito caminho, para hoje guardar viva lembrança da sua histórica ufania.

Desfeito a bordo o casual encontro de afáveis cumprimentos, em que na distância dos anos transluziram lembranças de Coimbra, a saudável, entendi que a escala de curtas horas no pôrto, não daria para uma excursão sistemática e de proveito.

E enquanto não pude desembarcar e mergulhando estava os olhos no panorama recostado, cada vez mais risonho e luminoso, cicerone espontâneo ali quis ser um polícia novo, muito limpo e bem fardado que, condoído do meu isolamento e ignorância, se dispôs cortêsmente a ensinar-me a reconhecer e a honrar a capital da sua Ilha.

Muito êle se admirava de que a esta idade eu chegasse, privado de tal

encanto, sem nunca a ter visto, embora os seus passos jamais dela o houvessem levado para outro lugar do Orbe.

Para aquêlê agente da autoridade, criado no enlevado orgulho da sua terra, a Terceira ocupa-lhe na alma o verdadeiro centro do mundo. O resto são desluzidos pormenores. . .

Aqui lhe rendo louvor em humildes letras por tão exemplar sentimento de amor filial. E tendo vindo para manter a ordem no navio fundeado,—sempre é bom prevenir!—o único desordeiro que nêle vinha e lhe mostraram, estava-lhe parecendo agora um cidadão inofensivo, verdadeiramente pacífico.

Já os seus dedos iam apontando, a partir do lindo Monte Brasil:

—Ali vê o senhor o Castelo de São João Baptista, além defronte é a Misericórdia, depois a Sé, o Colégio, a Conceição, a Moagem, o Castelo de São Sebastião, também lhe chamam Castelhinho, com um belo passeio. Às vezes no

inverno, o mar sobe até à estrada, e é um pesar...

Na parte mais alta das construções, avantajada-se por cima da cerrada casaria a pirâmide da Liberdade por outorga, oitocentista brasão de Angra em grande formato, de face amarela e já murcha.

Fazendo agora uma pausa de respeito, o meu cicerone prossegue:

—Lá no alto, é a Memória: o senhor talvez saiba, de ler...

—Tenho ouvido falar..., confirmei.

Por escrúpulo de delicadeza, não podia desmentir a lição aprendida na escola por aquêlre terceirense humilde. Seria desfolhar com violência alguns palmitos da coroa cívica da sua terra. Poderia até prender-me, se assim provocasse a sua autoridade. Imprudência e crueldade seria falar-lhe em D. Pedro I, imperador do Brasil, usurpador dos legítimos destinos de Portugal, e mais na sua quadrilha. Vieram-me aqui à lembrança os malefícios do Governo da Regência da Terceira, com

a calamidade nacional que dêle se originou e não se acaba de remediar...

Despertando a minha meditação, o polícia insistia:

—Uma linda vista! Deve ir a terra, só para a gozar. É coisa que tôda a gente logo visita, quando vem a Angra.

No cais um rumor festivo, com música, vivas e foguetório, reclamava a geral atenção, e o obsequioso informador logo atendeu à minha curiosidade:

—É a festa ao senhor Doutor deputado que veio de Lisboa.

E encaminhando-me para a escada, o seu zêlo continuava a insistir:

—Vá pela rua tôda, subindo, subindo, e lá chegará ao largo onde fica a Memória.

Em terra, comecei a andar por ampla rua, tapetada de verdura, cheia da fragrância de flores e funcho em que pouco antes se haviam adoçado e glorificado os passos do regresso de um angrense ilustre.

Cruzando em tôdas as direcções, na lida e alvorôço do vapor, vi homens apumados, sérios, tranqüilos, sem receio de carteiristas, nem de assaltos.

Mulheres, raras, sumindo-se discretamente por uma e outra loja, para fazer compras de verdade e não para difundir os encantos de que efectivamente dispunham.

Realidade ou, pelo menos, boa aparência de vida portuguesa salubre e com carácter definido; confiança nas leis promulgadas e nos merecimentos do convívio social. . .

A planta da cidade, pois parece que a teve de início, com ruas largas, sólidas e limpas, sugere um grande destino urbano, talvez frustrado por mau azar dos homens e dos tempos.

Na botica onde entrei para renovar uma receita, certo rapaz azougado marcou o valor do meu débito, logo observou a minha incerteza de forasteiro, acrescentando a sorrir, com bem fimbrada sonoridade açórica:

—Com certeza, é mais barato do que em Lisboa. . .

É tinha razão. Vingadora até me parecia a persuasão dêste moço, porque a todos os doentes sempre os medicamentos vão ficando mais caros. Os remédios que Lisboa inventa e manda para sarar as enfermidades de que todos nos queixamos, sobem a preços astronómicos. Depois, não curam, os malditos!

Agravam e agravam cada vez mais. . .

Como em remotas e raras terras das nossas Províncias, ainda nesta cidade marítima se surpreende o escrúpulo de receber gorjetas e o orgulho de as recusar. Primorosa galhardia portuguesa! Traços vivos de nobreza herdada nas almas e que a voracidade do vil interêsse ameaça apagar, transformando os homens em salteadores ou em submissos e atentos lacaios.

Para gratificar serviços de amabilidade, Angra ainda recusa a pecúnia, por dignidade de espírito. O destino lhe conserve e prospere êsse privilégio de extremada fidalguia de outros tempos! Lem-

brei-me aqui de outra cidade da minha grande estima histórica que usa no brasão municipal a Cruz da Ordem de Cristo. Recordo o sereno orgulho dos letrados em lugares públicos: *É proibido pedir esmola: Tomar sustenta os seus pobres.*

Com a mesma distinção de maneiras, a velha capital do Arquipélago poderia afixar: *Não se aceitam gorjetas: em Angra é gratuita a cortesia...*

Nestas reflexões inofensivas, o dia foi mudando de cara, desde o alvorecer: névoa, vento, sol, trovoada com chuva em bátegas, pouco mais ou menos, as quatro estações em miniatura, a demonstrar como os céus aqui são mudáveis e como no pequeno mundo de uma ilha se pode em poucas horas ver o mundo todo, em tempo e espaço...

Abriguei-me na catedral quasi deserta, sem haver quem a tal hora me mostrasse o seu celebrado tesouro. Estava a perder momentos irreparáveis e tive de sair, para voltar mais tarde, se pudesse.

A um quinal da Sé, por acaso, encontro comigo uma senhora de sorriso franco e olhos grandes, transparentes, que à observação do meu interesse pelas pedras e pelos altares, amavelmente me interpelou:

— Vi V. dentro da Sé, mas parece-me que não lhe mostraram o tesouro...?

É um pesar...

— Na verdade, não o cheguei a ver. Voltarei depois, se tiver tempo.

— Naturalmente vai de passagem, será viajante...

— Sim, minha senhora: viajo por interesse e ordem pública...

A estas palavras solenes, a minha interlocutora, subitamente conteve a sua curiosidade, não fôsse ser vítima de alguma cilada funesta.

— Mas não embarque, sem ver o tesouro: é a melhor coisa de Angra.

O polícia havia-me assegurado que a Memória era a primeira maravilha. Mas respeitemos, por agora, êstes entusiasmos divergentes...

No inesperado encontro desta açoriana inteligente, franca, acolhedora, zelosa da boa fama da sua terra, parecia-me ver a personificação da própria fortaleza de Angra. Consta, aqui para nós, que as cidades têm alma; e não estaria nesta figura de mulher educada, de tão espontânea e oportuna intervenção, o símbolo vivo e muito expressivo da velha e nobre cidade? Ficou-me essa suspeita, bem ou mal fundada. Desculpem, se discordam.

O navio já apitava com alarme, a chamar os seus passageiros, dos quais cinco haviam ficado a bordo, a ouvir os fados da Emissora, o mais triste fado de Portugal...

Para bem se cumprir o meu, tinha de seguir viagem para mais longe.

Com pena deixava Angra, sem ver o seu património de arte religiosa, opulentas alfaias e vasos sagrados, dos tempos em que os fiéis pagavam dízimos e primícias. No cais, ao entrar na última lancha, mal houve tempo para um agradecido apêto de mão, ao roufenho palpitar do motor.

Chegando ao portaló, esperava-me risonho, no mesmo sítio do convés, o meu bom polícia, alvoroçado, a inquirir com zêlo da sua vitoriosa certeza:

—Então, gostou da Memória?...

Não pude dominar a confusão e o embaraço daquele instante, mais angustioso do que o de um acto de direito:

—É verdade! A Memória... Esqueci-me dela...

No peito do rapaz, vi ampliar-se a farda, reluzir os botões, e os seus olhos fitaram-se na minha cara com áspera censura, com a severidade de quem me surpreendesse em flagrante delito de transgressão policial. E logo procurei aplacar o seu espanto:

—Desculpe; irei lá para a outra vez. Com certeza!

—Então não foi a terra fazer nada!

—Efectivamente, não fiz mal nem bem a qualquer pessoa. Só me esqueci da Memória. Não foi por querer...

Suspeitando que eu viesse toldado ou que sofresse de mal incurável, o pres-



fimoso rapaz, ainda há pouco expansivo como um ilhéu, levou a mão ao boné, avançando até à escada, para me dizer com gélida amabilidade:

—Boa viagem!

—Muito agradecido. Até mais ver, se Deus quiser.

Por êste modo, Angra foi assim achada e não vista, nesta manhã inconstante de Primavera.

Cresceu muito o meu desejo com honra de a conhecer e admirar no que de admirável a cidade encerra e pode sugerir.

Para harmonizar os exaltadores intentos do polícia e o empenho da senhora, aqui prometo ir ver, ainda que seja de maca, o tesouro da Catedral e os horizontes de terra, céu e mar que do miradoiro da Memória se dominam e nos dominam a alma, com certeza.

Mas o horizonte da História, cerrá-lo-ei cuidadosamente, não o quero ver de lá, para não escandalizar as ilusões do guarda de polícia, descobrindo e conde-

nando pesadas sombras na claridade dos gloriosos anais da velha capital.

Já com o navio a virar de bordo, diz-me convictamente um velho piloto:

—Foi pena não ter ficado ali em Angra. É gente briosa, sã, hospitaleira.

—Assim o creio e aplaudo, por minha fé.

—Mas agora andam desconfiados com estranhos à terra. Há anos, mandaram para ali deportados políticos. Receberam-nos com simpatia, abriram-lhes as portas de suas casas, e êles abusaram. Não era gente educada, nem reconhecida. É preciso hoje desconfiar de todos.

—Têm razão; eu também desconfio de muitos e até de mim próprio, para com esta espessa presença não inspirar à cidade de Angra, um legítimo receio de perigo...

O homem logo se afastou por solerte prudência, e eu voltei então os olhos e o sentido para o vulto da Ilha Graciosa.

## ILHA QUARTA

PARA O CAIS DA NEGRA

**L**EVANTANDO ferro em Angra pelas duas horas solares, chegaríamos à Graciosa com muito dia, se a névoa do mar não toldasse a claridade.

Mas dali para baixo as ondas começavam a rolar a maior altura, o nevoeiro via-se crescer, e os balanços aumentavam de amplitude, tornando a travessia mais incómoda e menos certa.

Por estas paragens, os passageiros vão-se reduzindo a poucos, e o forçado convívio leva-os a fraternizar francamente. Sentem-se abolidas as apresentações, até

porque já não há estranhos ou desconhecidos, e todos sabem a vida uns dos outros. Espontaneamente, a disciplina de bordo vai afrouxando, e estabelece-se no navio a classe única.

Os que ali vão, reconhecem-se iguais e solidários no destino que os leva, por bem ou por mal.

Os meus bons companheiros foram ficando pela Madeira, por São Miguel, pela Terceira, de regresso aos seus lares. Eu afastava-me do meu, cada vez mais e sem saber por quanto tempo... No meio desta gente desconhecida, continuava a ser tão alheio como fardo de mercadoria de mau trato.

Quási ninguém ia para o Faial; para São Jorge e Pico ainda menos, por estes meses de inverno, mais enturvados de perigos em tempos de guerra marítima. Nas Flores e Corvo nunca faz escala o navio em que vínhamos embarcados.

Os poucos passageiros que à Graciosa se destinavam, não sei por que ra-

zão de simpatia, iam-se congregando à volta do meu contido silêncio, enquanto por tóda a coberta os mais sabidos perguntavam e altercavam sobre o pôrto aonde iríamos fundear.

—Vamos a Santa Cruz ou à Praia?

—Qual Praia!, censurava um circunstante. O barco vai a Santa Cruz. Pertence-lhe mesmo! Com êste mar desembarca-se bem, está visto.

A costa escarpada ia-se desdobrando na tarde agreste, com súbitos clarões de procela.

—Dizem que já se vê a bandeira na Praia. Cá por mim, acho que vamos desembarcar à Praia. O mar da banda do Norte, deve estar de respeito!

—Não içaram bandeira nenhuma!

—Nem se podia ver daqui!, assegurava outro, triunfalmente.

Nesta indecisão do pôrto de escala, a minha ingenuidade quis saber se não havia doca ou algum abrigo para o desembarque.

—O senhor bem se vê que nunca por aqui andou...

—E se agora ando, também não é por minha culpa, acredite o cavalleiro...

—Cá pelos Açores, nestas ilhas pequenas, e até na Terceira, desembarca-se como se pode e onde o tempo deixa. E olhe, às vezes, nem se desembarca, e lá vai o povo todo parar ao Faial!

—Agora é que se vê: vamos para Santa Cruz! Parece que o navio já está a virar, anunciava uma voz contente.

Mas um velho, de aspecto menos venerando do que o do Restelo, atreveu-se a profetizar, com escândalo geral:

—Na Praia é que nós desembarcamos, com certeza.

—O velhote está doido!, comentava para o lado um viajante de avançada pança, a fumar cachimbo.

—Vamos mas é para a Folga!, concluiu um aspirante da Alfândega, a brincar com o equívoco da palavra.

O barco ia passando à vista da Praia, na vizinhança do ilhéu. Na luz da tarde, os mimosos e verdes aspectos da ilha sucediam-se agora com mais serenidade. Já se viam a topar no céu brumoso as ermidas do Monte da Ajuda. O mar, aos galões, crescia de bravura e de incerteza.

Mas o desembarque era em Santa Cruz, não podia já haver dúvida.

Em tal convicção, o rapaz da Alfândega foi-se aproximando do velho que nomeara a Praia, para ali o confundir:

—Então agora, ainda desembarcamos na Praia?

—Creio que sim, respondeu o interpelado, com irónica serenidade.

—Ora! Ora! O senhor vem a dormir. Não vê que já vamos quási em frente do Pôrto da Barra, à entrada da vila?

—Venho a dormir, mas ainda não desembarquei. A ver vamos...

Para a coberta, viera subindo a tri-

pulação, a juntar-se aos poucos passageiros.

A certeza do desembarque em Santa Cruz lia-se agora em todos os olhos.

Ainda haveria claridade suficiente para descarga e manobras.

Iam-se empilhando malas e embrulhos. Apareciam agora pessoas e coisas nunca vistas em tôda a viagem.

Mas em frente do Pôrto da Calheta, o mar pulsava com terrível furor e a multidão dos que sempre esperam pessoas que nunca chegam, dispersava-se pelo adro do Corpo Santo, pelas paredes do velho fortim, a fugir do cais, constantemente varrido por brava e perigosa maré de água e de espuma.

Acenavam, acenavam de terra, e concluiu-se depois que era para afastar de grande temeridade a gente e o navio. Os pilôtos que costumavam vir indicar o fundeadouro, não apareciam.

Finalmente, um tripulante que descia da ponte do comando, informava:

—Lá se vê agora a bandeira: não se pode desembarcar!

Temos de voltar à Praia.

—Que burros!, gritava o da Alfândega. Então não podiam ter pôsto na Praia a bandeira para ancorar? E agora?

—Voltamos para trás. Que remédio!... O mar é que manda na terra!

E já o navio ia virando de bordo, a retomar o caminho perdido, por não terem pôsto ou por não haver sido visto qualquer sinal na Praia...

—Que raio de Companhia esta!

—Tempo perdido. Depois, mais seis quilómetros para Santa Cruz, e pagar o transporte!

—Se houver carros, advertia outro. Em tôda a ilha só há dois de aluguer e são do tempo dos Afonsinos. Eram mesmo bons para mandar à Exposição de Belém...

Então o velho que até ali ficara calado, a antegozar a vingança da razão que tinha, comentou:

—Vejam agora os senhores! Eu bem

lhes dizia... Tinha cá um palpite. Vou nos oitenta e conheço bem as caretas dêste mar da Graciosa.

O motejador de há pouco remordia a sua derrota na extremidade do convés, continuando a cachimbar.

—E para onde seguimos agora?, perguntei eu, confiado, ao sapiente ancião.

—Para o Cais da Negra, elucidou imediatamente.

—Bom! Bom! Somos capazes de partir os ossos nas rochas. Aquilo não é mais do que a bôca de uma baleia, protestou um experiente embarcado.

O mensageiro que há pouco viera do comando, tranqüilizou a assistência :

—Ainda haverá alguma luz de dia. Tudo se há-de arranjar.

Jam já perdidas duas horas em opiniões e incertezas. O vapor foi ancorar defronte da vila da Praia, com algum abrigo da nortada.

Mas a ligação com terra, cada qual tentava-a pelo meio que podia.

De barcos a gasolina não havia vista, nem notícia. Lanchas a remos eram perigosas com tal tempo. Para junto da escada de bordo veio a oscilar um batelão do tempo da Regência da Terceira, que começou a meter barrís, fardos, pessoas e bagagens, em rumoroso tumulto. Ouviam-se ordens de todos os lados, súplicas de cada canto: Parte? Não parte? Ainda demora?

—Espere, homem, espere! Eu hei-de aqui ficar com esta desgraçada!, exclamou um popular, junto da mulher doente que vinha de Angra, já despedida dos médicos.

Descendo a escada do portaló e contemplando a face e o bôjo do batelão, recordei-me daquele diálogo da *Barca do Inferno*, entre o Fidalgo e o Diabo:

—*Esta barca onde vay ora que assi está apercebida?*

A que o Arrais do Inferno responde elucidativamente:

*— Vay pera a ylha perdida  
E há de partir logo essora...*

Não havia de partir logo, infelizmente, mas talvez a Graciosa viesse a ser para mim a Ilha Perdida...

Foi já por mar escuro que o batelão começou, dançando, a sua viagem na direcção do Cais da Negra. O vapor tinha fundeado longe, não viesse algum vagalhão a atirar com êle para um recife ou para as rochas do ilhéu, dando-lhe fim aos trabalhos e dias.

Havia luz no Cais, mas as escadas não se viam e a plataforma era repetidas vezes alagada pelos refluxos da vaga, altos e curvos, como arcos de triunfo que se erguessem do mistério de rochedos carbonizados, a lembrar espessos troncos de floresta ante-diluviana.

O batelão tinha de esperar fora da garganta a alternativa da oscilação das

águas, e era preciso saltar da borda rapidamente, quando o dorso da onda ficava ao nível do cais. Se se demorasse o expediente do movimento, o passageiro era glorificado e molhado pelo arco da água salgada e fria, sem apelação, embora com agravo do seu próprio furor.

Percebendo os tempos da manobra, pus o pé na borda e ganhei sozinho o Cais da Negra, de onde os curiosos estavam afastados com o devido respeito.

E súbitamente, o refluxo em arco de renda passou por cima do meu chapéu, salvou o cais e foi cair na garganta do mar, mas dentro do batelão. Nem gritos ouvi, nem receios revelou esta marítima gente. Perfeita e resignada conformidade com o desprezo dos homens e a fúria dos elementos.

Pensei que haveria perigo para as pessoas que após mim desembarcariam, embora tivesse ouvido falar com admiração da experiência e confiança dos açõ-

renses nas coisas do mar. E pus-me a ver.

Foram saindo, um atrás de outro, com a espontânea alegria de quem escapara de uma ameaça. Mas um momento me pareceu de trágica gravidade, ao ver uma jovem-mãe de linda e chorosa criança, a erguê-la nos braços para a desembarcar.

E ao favor do movimento das ondas e do vai-vém correlativo do nosso tôsko bergantim, vi-a atirar o filhinho ao ar, para que as seguras mãos de um marítimo o recebessem em cima do cais. Por tal arremêso e vôo, assim ganhou terra-firme aquêlo inocente menino.

Malas não se viam e ninguém sabia delas. Talvez viessem a aparecer, depois de pescadas, como salvados de um naufrágio. Assim pude desembarcar no Cais da Negra, patamar da Graciosa.

Era já noite muita cerrada, destas noites espessas, de escuridão úmida, impenetrável. E por ela tive de entrar nesta casa para a minha vilegiatura açoriana,

como se viesse a gozar licença graciosa, mas não a meu grado. Pelas ondas da Emissora, aqui me certifico de que Portugal continua cantando e batendo o fado... Negra noite. Cais da Negra...

E como será amanhã o rosto da aurora nesta negra terra a que chamaram Ilha Branca?

14 de Março de 1940.